

MACHADO, Lucília R. de Souza, NEVES, Magda de Almeida, FRIGOTTO, Gaudêncio et ai. *Trabalho e educação*. Campinas: Papirus: CEDES; São Paulo: ANDE: ANPEd, 1992. 134p.

O livro reúne as exposições sobre *Trabalho e Educação*, apresentadas nos simpósios da 6<sup>a</sup> Conferência Brasileira de Educação, realizada no campus da Universidade de São Paulo, de 3 a 6 de setembro de 1991, e organizada pela Associação Nacional de Educação (ANDE), pela

Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd) e pelo Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES). O livro integra uma série de publicações, composta por seis volumes; além deste, *Escola Básica; Estado e Educação; Sociedade Civil e Educação; Universidade e Educação e Resumos*.

A temática privilegiada pelo livro é o impacto produzido pela incorporação de novas tecnologias e novas formas de organização da produção sobre os processos de trabalho e a qualificação da força de trabalho, com ênfase em suas consequências para a educação (em particular nos níveis primário e secundário do sistema educacional).

Os 13 textos que compõem esta publicação foram estruturados segundo sua apresentação em cinco simpósios, aos quais correspondem cinco capítulos. O primeiro grupo de textos corresponde ao capítulo: "As mudanças tecnológicas e a educação da classe trabalhadora: politecnia, polivalência ou qualificação profissional?" e reúne as exposições de Lucília Regina de Souza Machado e Magda de Almeida

Neves (Universidade Federal de Minas Gerais) e de Ana Maria Rezende Pinto (Fundação João Pinheiro). Inclui também uma síntese elaborada por Gaudêncio Frigotto (Fundação Getúlio Vargas e Universidade Federal Fluminense), que coordenou o referido simpósio.

Segundo Frigotto, "A preocupação central dos debates deste simpósio foi, ao mesmo tempo, qualificar algumas questões sobre a natureza das mudanças tecnológicas, seu impacto sobre a base técnica da produção e organização do trabalho e, sobretudo, sobre a qualificação, formação humana e consciência da classe trabalhadora" (p.45). O impacto das inovações tecnológicas foi analisado em dois níveis: teórico-prático e político-ideológico, destacando-se as consequências negativas e positivas que as novas tecnologias representam para as relações sociais de produção e para as políticas educacionais.

É notável o esforço realizado pelas autoras para expor as condições implícitas na incorporação das inovações tecnológicas, evitando uma visão apocalíptica ou apolo-

gética e evidenciando a heterogeneidade incluída na categoria "trabalhadores". Em particular, Machado destaca as formas diferenciadas nas quais as inovações afetam dois pólos ou grupos de trabalhadores ("trabalhadores qualificados" e "trabalhadores descartáveis"), enquanto Neves coloca a necessidade de se avaliar os seus impactos segundo os países (em relação ao regime político, grau de desenvolvimento económico, tradições culturais e capacidade de organização e luta dos trabalhadores) e segundo a divisão sexual do trabalho (visto que a entrada das novas tecnologias afetaria de forma diferenciada a mão-de-obra segundo o sexo).

As autoras relevam as possíveis consequências (virtudes e riscos) para a formação dos trabalhadores e das trabalhadoras, em termos de "polivalência" e "politécnica" (Machado e Neves), "multi-habilitação" e "policognição tecnológica" (Pinto). Resgatando a historicidade dos processos de exclusão e discriminação social no marco do sistema de produção capitalista — exclusão e discriminação que constituem o con-

texto da inovação tecnológica —, este primeiro grupo de textos evidencia que não basta concluir que a nova base tecnológica demanda mais educação. Esta demanda deverá ser analisada e articulada num projeto de construção e desenvolvimento de novas relações sociais em geral, e não somente vinculado ao mercado de trabalho (Machado), ampliando as possibilidades reais de satisfação das múltiplas necessidades a todos os seres humanos (Frigotto).

O segundo capítulo, "Os impactos da revolução tecnológica: transformação dos processos produtivos e qualificação para o trabalho", orienta-se para a apresentação de questões sobre a relação entre as novas tecnologias, a divisão social do trabalho e a qualificação da mão-de-obra, a partir da Sociologia do Trabalho, da Sociologia da Educação e da Economia. Participam deste segundo grupo as exposições de Iracy Silva Picanço (Universidade Federal da Bahia), que coordenou o simpósio correspondente, Liliana Rolfsen Petrilli Segnini (Universidade Estadual de Campinas) e Nadya Araújo Castro (Universidade Federal da Bahia).

Picanço, iniciando as discussões, insiste em assinalar que a discussão sobre as questões educacionais e a revolução tecnológica não pode se limitar à qualificação da mão-de-obra, visto que a referida revolução implica mudanças sociais e culturais de natureza mais ampla. Destaca duas questões que não estariam sendo suficientemente debatidas: o risco de que o processo e o mercado de trabalho comandem as ações educacionais e a errônea compreensão de que a nova qualificação demandada pelas inovações tecnológicas é independente das relações e diferenças entre as classes socioeconômicas. Se não se debatem essas questões, corre-se o perigo de revitalizar a teoria do capital humano.

Segnini centrará sua análise nas contradições que o novo contexto tecnológico gera, tanto no nível discursivo como no nível da prática de empresários e trabalhadores. Por um lado, mostra como e por que os discursos e as práticas empresariais necessitam incentivar os trabalhadores a conseguir um maior grau de escolaridade, enquanto, por outro lado, mostra a relação significativa

que existe entre escolaridade, condições de trabalho e formas manifestas de resistência dos trabalhadores. Assim, conclui Segnini: "Portanto, fazendo coro com parceiros antes não imaginados, e por razões diferenciadas, finalizo propondo: educação já!" (p.68).

Castro, partindo de uma análise pormenorizada dos pressupostos teóricos historicamente elaborados pela Sociologia do Trabalho sob a categoria "qualificação", finaliza sua exposição com uma proposta de abordagem vinculada diretamente ao âmbito educacional. Segundo a autora, todas as teorizações sobre a qualificação têm valorizado as características externalizáveis, transmissíveis a partir de linguagem explícita e formalizada. "Entretanto, a noção de qualificação pode ser explorada conceitualmente de modo a desvendar um campo extremamente interessante, o das chamadas *qualificações tácitas* (...) Trata-se de uma forma de conhecimento que, longe de ser inferior, está na base da constituição da experiência da qualificação adquirida por antiguidade num posto, sendo insubstituível mesmo quando as mais

modernas tecnologias informatizadas busquem internalizar no equipamento a experiência, vivência e memória do trabalhador individual" (p.82).

O terceiro grupo de textos foi apresentado no simpósio "Os sindicatos, as transformações tecnológicas e a educação". Os expositores foram Mário Sérgio Salerno (Universidade de São Paulo e Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos), Cláudio Salm (Universidade Federal do Rio de Janeiro) e a coordenadora do simpósio, Sílvia Maria Manfredi (Universidade Estadual de Campinas).

Segundo Manfredi, ambos expositores realizaram abordagens complementares em alguns pontos e opostas em outros — em particular no que se refere às consequências da inovação tecnológica sobre a qualificação dos trabalhadores. Para Salm, haveria uma tendência generalizada para uma melhoria na qualificação da força de trabalho, o que teria como pré-requisito uma maior escolarização. Em contrapartida, Salerno discute a generalização desta tendência, tendência

que, em sua opinião, estaria limitada somente a certos setores da classe trabalhadora e que não afetaria a necessidade de escolarização da grande maioria dessa classe.

Sob o título "As novas funções da educação no panorama internacional", a exposição de Werner Markert (Universidade Federal do Rio de Janeiro) discorre sobre o trabalho como princípio educativo na República Federal da Alemanha (RFA) e na República Democrática Alemã (RDA). À luz das análises habermasianas, o autor parte da seguinte pergunta: assistimos hoje ao fim da sociedade do trabalho ou à revitalização do conceito de trabalho como princípio educativo? Com esta orientação, expõe a experiência educacional vivida em termos de formação profissional na RFA e de educação politécnica na RDA, e conclui: "Parece-me que a utopia da sociedade de trabalho entra, com a indústria capitalista moderna, numa dialética produtiva, que não esvaziou o núcleo entre trabalho e educação, como Habermas receia, mas, pelo contrário, os revivifica e põe um novo enfoque para desenvolver a politecnia como formação integral" (p. 111).

O quinto capítulo reúne, sob o título "Ensino médio: quais são as alternativas?", as contribuições de Acácia Zeneida Kuenzer (Universidade Federal do Paraná) e Luiz Antônio Cruz Caruso (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Caruso discute a necessidade de redefinição das políticas de formação profissional, a partir de elementos tais como: a formação polivalente; a articulação das políticas industriais, tecnológicas e educacionais; "a transferibilidade dos conteúdos formativos"; "as vias profissionalizantes"; a metodologia de "aprender a aprender".

Kuenzer, por sua vez, centra sua análise nas interpretações equívocas geradas pela proposta de Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que prevê a organização de um Sistema Nacional de Educação cujo princípio é assegurar a universalização e a qualidade da educação básica comum unitária, e a proposta de um Sistema de Educação Tecnológica, que contradiz o referido princípio, restabelecendo a dualidade histórica e estrutural do sistema educacional brasileiro. Segundo a autora, "quan-

do o imaginávamos pelo menos superado ao nível das ideias e políticas públicas, ponto de partida para a sua superação na prática..., o velho princípio educativo com sua proposta dualista e antidemocrática ressurgue das cinzas com todo o vigor e apoio institucional..." (p.128).

Sabemos que a organização deste tipo de publicação é difícil e penosa, visto que acarreta um trabalho de revisão coletiva e uma reestruturação geral. Apesar disso, gostaríamos de dar algumas sugestões. A nosso ver, seria mais interessante para o leitor que os textos fossem organizados segundo a temática efetivamente abordada em cada um deles, e não em função de sua apresentação formal nos diferentes simpósios. Também seria recomendável a generalização de sínteses, como as elaboradas por Frigotto e Manfredi, sínteses que ajudam o leitor a entender com maior precisão os pontos mais salientes do debate. Por fim, seria interessante a inclusão de alguns dados biográficos e acadêmicos sobre os autores das exposições.

Estas sugestões de nenhuma maneira buscam desvalorizar o enorme esforço realizado pelos organizadores do livro *Trabalho e Educação*. A riqueza principal dessa publicação consiste em evidenciar os diferentes pontos de vista com os quais pode ser avaliado — criticado ou criticado e fermentado — o impacto das novas tecnologias sobre o mundo do trabalho e sobre o âmbito educacional, como também explicitar numerosas indagações abertas com a chamada Terceira Revolução Industrial, no que se refere às mudanças nas relações sociais de produção e nas relações sociais educacionais.

Finalmente, o livro *Trabalho e Educação* constitui uma referência

imprescindível para todos os que se interessam pela relação entre inovação tecnológica e formação profissional, ou seja, pesquisadores, professores e estudantes de diferentes disciplinas (Sociologia, Educação, Economia etc), sindicalistas, empresários, educadores, administradores (da educação e dos processos produtivos), políticos encarregados de definir as políticas públicas em matéria de educação, tecnologia e trabalho, e — por que não? — pais e alunos.

Silvia Cristina Yannoulas  
Faculdade Latino-Americana de  
Ciências Sociais (FLACSO)/  
Universidade de Brasília (UnB)